

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	29.º Anno — XXIX Volume — N.º 998	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Typ. do Anuario Commercial—Calçada da Gloria, 5
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	630	120	20 DE SETEMBRO DE 1906	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados de seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.—Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		

## Chronica Occidental

Quem lê o indice d'um livro esmorece ás vezes. Nem um capitulo que seja pelo titulo tentado. Este diz uma coisa aborrecida, aquelle não diz nada. Achar um bom titulo é, ás vezes, uma grande coisa. Ha alguns que são verdadeiro achado, outros apagados, sozinhos, semsabores, que está a gente a ver o que lhes ha de acontecer. Mas isso não vem ao caso. O que vem é o resumozinho da chronica, que eu fiz, como meu costume, antes de a revelar, e que tenho aqui defronte, enquanto a lingua de fogo não desce com a inspiração.

Francamente, o começo d'esta segunda quinzena de setembro não me fornece maravilhosos assumptos, azues como o céu do dia de hoje ou cor de rosa, como, acolá as montanhas da Outra Banda com o ultimo beijo do sol. Nada d'isso. Vejo aqui deante de mim apontamentos de alguns crimes, d'um naufragio medonho, de queixas de lavradores por causa dos ultimos temporaes e até d'umas lagrimas que os batoteiros choraram em diferentes praias de banho. Como se vê, nada alegre.

A grande tragedia passou-se em Cascaes, talvez por isso mesmo, ainda mais horrorosa, que não andam aquelles montes costumados aos eccos de dôr. Cinco pescadores lá ficaram nas aguas instantaneamente revoltas, uns porque o bocado de pão para seus filhos os obrigou a arriscar as vidas, outros porque os marinheiros teem corações generosos e estes os não deixavam quedar-se na praia em lamentos quando irmãos corriam risco de ser engolidos pelo mar bravo.

Não são estas as noticias que vulgarmente nos chegam da mais elegante praia dos arredores de Lisboa, a terra de Portugal preferida pela corte, quando as primeiras brisas do outomno arrancam aos pinheiros os preludios d'uma canção pungente. E' que elles choram, como as mulheres, por coisa nenhuma. Tivessem ellas uma alma, que tanta occasião teriam agora para chorar!

Queixam-se os homens do mar e da provincia chegam-nos as lamentações dos lavradores prejudicados com os ultimos temporaes, que os lisboetas, pelo que viram, decerto não julgaram

assim terriveis. Que bom é dar, por cautella um desconto ao que dizem lavradores, homens sempre muito mais temerosos do futuro do que era de esperar de seus constantes desenganos. Eu conheço um, millionario umas tres vezes, contando os milhões á moda do tempo dos cruzados, que muita vez já vi chorar pela miseria que o espera, mais anno menos anno.

Seja, porém, como fôr, as noticias não são boas. A queixa é livre e ainda não vai o tempo máo de

bilidades que n'elle poderiam tocar a cada um. Mas uma consolação nos resta: é o sabermos que não faltou arrojo, não faltou dedicação, não faltou nem virtude nem uma santa ideia do dever n'aquelles que, pelas vidas dos outros, nem uma hesitação tiveram antes de arriscar as suas.

O distincto official de marinha, Hipacio de Brion, publicou no *Seculo* uma carta em que nos dá conta de muito acto de coragem praticado por essas costas fóra e a que centenas de desgraçados deveram a vida

Não faltaram d'esta vez acções heroicas, nem lagrimas faltaram de mulheres implorando de joelhos maridos, paes e filhos, para que não se deixassem guiar pelo impulso que os mandava, socorro bendito, contra as ondas ameaçadoras. Um official de marinha que se achava na praia, o capitão de fragata Pinto Garcez, saltou para dentro do salva-vidas e atirou-se depois ao mar, nadando para os naufragos. Baldado foi seu esforço por infelicidade, mas nem por isso merece menos applauso.

Tão repentina foi a elevação do mar e tão fóra da expectativa, que querem alguns suppôr que fosse devida a qualquer phenomeno sísmico, dos muitos com que anda o mundo atemorizado. A' hypothese se refere na sua carta o sr. Hipacio de Brion.

Temporaes, tremores de terra... Pois não se nos dá de apostar que em muitas terras de banho não é esse o mais importante assumpto de conversações, se ainda por ali se cavaqueia um bocadinho e não anda tudo como quem levou um sóco no estomago, depois do novo officio do ministerio do Reino aos srs. Governadores civis sobre batotas.

D'esta vez, parece que é certo. Ficaram chuchando no dedo os devotos das duzias e das cruzetas, os que se fiavam em certa ordem de côres e uns que esperavam ha muitos dias, a repetição do 32. Nas primeiras horas ninguem acreditou. — «Ha de ser como da outra vez, antes das eleições», dizia-se. Mas um bello dia quando a bolinha de marfim cantava em seu giro o hymno lindo da esperança, truz, truz, truz! o administrador bateu á porta. — «Ou eu vou p'rá rua, ou isto acaba». Zéro! gritou o banqueiro. As pás baixaram-se, recolheram o dinheiro, e nunca mais se jogou na bella batota á beiramar plantada.

Houve queixas, pragas e até reclamações. Uma circular é uma circular e cada governador civil diz aos povos: — «Cá estou, cá fico!» Não sai ne-



DR. TRINDADE COELHO

(Photographia Fernandes)

todo para aquelle que ainda pode queixar-se. Não o podem fazer as victimas dos crimes, não o podem fazer os que, exgotados de forças e de animo, se deixaram mergulhar nas aguas do mar.

O desastre da bahia de Cascaes foi mais do que commentado, foi muito discutido, e as responsa-

nhum, porque um hespanhol que veio de caruagem-salão até á Figueira, quer voltar de terceira para a terra.

Fala-se de batota nas praias, fala-se em Lisboa do monopólio das carnes e no da viação. As sessões camararias tem estado quasi tão interessantes como nos promettem que hão de ser as que, dentro de pouco mais de oito dias, se vão inaugurar em S. Bento.

De quando em quando, correm uns boatos de crise — é natural, quando os não houve? — mais do que de crise, de queda do ministerio. Os desmentidos não tardam; são duas noticias, e pelos tempos que vão correndo, uma noticia, embora falsa, é quasi um thesouro.

Vão abrir as côrtes. Fala-se de novo n'aquelle celebre contracto dos tabacos, que tanto tem dado que fazer a todos os politicos portuguezes. E andam elles como n'aquelle tão conhecida brincadeira de crianças: — «Passará? não passará?» E ha quem diga que não. Não vem longe o prazo em que ha de caducar. E' preciso que previamente o governo obtenha a sua approvação. Antes d'isso, porém, parece que as opposições estão dispostas a levantar a questão que diz respeito á nacionalidade do sr. Driese Schroëter. Como hão de ser concorridas aquellas galerias!

Mas, emfim, nem toda a gente se deixará por tal forma dominar pela grande febre, que alguns não haja que prefiram descançar os olhos em linhas que não falem nem de finanças nem de politica. Será para muitos inacreditavel que ainda haja quem faça versos. — «Algum doido», dirão. Mas ainda ha quem os leia e a prova é que o poema *Dolores*, de Ribeiro de Carvalho acaba de apparecer em segunda edição. Conhecemos d'elle alguns trechos bellos e sobretudo muito mais interessantes que o mais documentado dos orçamentos.

Falamos raras vezes de livros, mas hoje não podíamos deixar de metter um sorriso em meio de tantas tristezas, tanta desventura, tanta que nos faz aborrecer a vida.

A's vezes nem a philosophia vale, embora tenham alguns por thema que é facil ser philosopho na desgraça dos outros.

E para tocarmos em todos os assumptos que mais falados foram, ainda será de crimes que vamos tratar, não já de assassinios, mas dos roubos que vão sendo o pão nosso de cada dia, já não só dos ladrões, mas tambem da população lisboeta. O ultimo, mais falado — que aliás não passou de tentativa — foi na rua do Oiro, na loja de ourivesaria que faz esquina para as Escadinhas de Santa Justa.

Mais audacia do que propriamente intelligencia tem revelado estes gatunos, todos hespanhoes. A prova é quasi sempre terem cahido nas unhas pouco amáveis da policia. Edgard Pöe não teria, com os processos d'elles, augmentado nem mais um artigo ao seu capitulo sobre artimanhas. Tambem não o teria feito o padre Antonio Vieira, se é certo que elle compoz a *Arte de Furtar*. Uns ferros com diferentes nomes e diferentes applicações, eis tudo o de que precisam as exóticas companhias. Entretanto, cautela com elles! Hão de ir aprendendo pouco a pouco e não será de pascar que alguma vez ahí cheguem com menos ferramenta e mais sciencia de magia branca. Por esses paizes civilizados já muitos tem seu curso perfeito. O atrazo de civilização tem, como se vê, ainda seu lado bom.

JOÃO DA CAMARA.

## Trindade Coelho

### Manual Politico do Cidadão Portuguez

Tendo até aqui (1) percorrido toda a obra, tão vasta já, tão primorosa, tão levantada e tão util, do sr. dr. Trindade Coelho resta-me dizer algo sobre o seu *Manual Politico do Cidadão Portuguez*, o ultimo trabalho de tomo que lhe saiu da fecundissima e incansada penna, o como que re-

(1) E' destacado este trecho sobre o sr. dr. Trindade Coelho de estudo ou antes de esboço que procurei debuxar de toda a sua obra literaria, por ventura uma das mais complexas e completas d'entre as tantas saídas de pennas portuguezes nos derradeiros tempos. E' elle o fecho d'esse esboço em que tentei abranger, mui perfunctoriamente é certo, mas mui devotada e consagradamente, a isso suggestionado pela muita admiração que lhe voto, toda a sua intensa virtualidade de escriptor, tão multipla e variada, e ao mesmo tempo tão concreta e individual, bem caracterisada sob estas suas duas feições.

Os dous primeiros artigos d'esse bosquejo sahiram no *Diario de Noticias*, e reproduziram-me, o mais breve que ser possa, com todas as restanças em todo seguido e completo.

mate e coroação de seus tantos e tão luminosos e proficuos trabalhos sobre pedagogia.

Mui poucas obras, se alguma, têm vindo ultimamente á luz no nosso paiz que hajam levantado tamanho alvoroço e tão parva (1) celeuma, como os que precederam e sobretudo acompanharam a sahida a lume do *Manual Politico do Cidadão Portuguez*, alvoroço que se traduziu no mais quente palmejar e em vehementissimos applausos, quasi unanimes, e que cedo e depressa abafou, estrangulando-a á nascença, a celeuma que alguns, em bem reduzido e mesquinho numero, tentaram arruaçar em volta do precioso livro e de seu benemerito auctor.

Entre os que assim, na linha quasi total da imprensa, levantaram sobre escudos o *Manual Politico*, algum poderá ter havido que a fazel-o fosse levado por natural e consequente impulso para isso resultante da lição da valiosissima obra, mas mais ou menos influenciado, por a orientação que lhe presidiu quadrar e se harmonisar com os ideaes por que pugne e combata; mas dos que o pretenderam apoucar e amesquinhar, bem poucos como já o disse e folgo com repetil o, pois em honra do nosso paiz, por sem duvida que um só não houve, ousou affirmar-o, que commettendo-o se deixasse vencer e levar apenas da determinação de um razoado criterio e da voz de uma sã consciencia, mas sim e só do irresistivel predomínio do espirito de seita a que preso e adstricto, diluidos e afogados, na espessa e delecteria atmospheria ahí respirada, os rebates de sua intelligencia e intimo sentir.

D'isto dá testemunho irrecusavel, sobre os vícios d'origem attribuiveis quer a uns quer a outros, a estes ou áquelles, dos a que de relance acabo de referir-me, a grande, a immensa copia e a formidavel mole dos que, alheios a influencias de qualquer ordem, e isentos de subserviencia a qualquer pressão, senhores e mantenedores de seu livre e ponderado alvedrio, em toda a extensa e diffusa linha da imprensa jubilosa e fervorosamente festejaram o apparecimento do *Manual Politico* e o preconisaram como trabalho de inestimavel e apositada valia para a educação civica do povo.

E nem poderia deixar de succeder assim a menos que os que lhe percorrerem as paginas não ponham todo e deliberado empenho em fechar os olhos de sua intelligencia e alma ao que a estas transmittirem os de seu corpo, pois por modo tão convicto e tão convincente são expostos ahí, professados e desenvolvidos os deveres e direitos do cidadão n'um estado livre, que só quem quizer ser e conservar-se inteiramente cego ás irradiações da razão e ás leis resultantes dos factos e de sua comprovada e exacta observação deixará de acolher o *Manual Politico* como uma obra de redempção, guia precioso e seguro de doutrina e norteamto do viver social.

Mas que bastante não fosse, como é, sua primacial valia e a excellencia da doutrina que de todas as suas paginas reçuma e resalta, e tão intuitivamente mira, e tende e conduz o homem ao bem-estar, quanto possivel, social, para crêr e julgar tal deveria bastar, até para os que não leiam o livro, a vida inteira do auctor, quer literaria quer politica, tomado este termo em sua mais genuina e levantada significação de cidadão inteiramente dedicado ao bem, em seu sentido mais lato, de sua cidade, de sua patria.

De facto não haverá por ahí muito quem, qual o sr. dr. Trindade Coelho, possa apresentar folha corrida não só limpa e isenta de culpas como honrosissima, pois que nem um unico acto accusa seu passado por que se possa irrogar censura ou pedir responsabilidades, seja qual fór a face por que se encare, e, bem ao contrario, d'isso lhe tem sido a vida inteira pautada pela mais regrada postura, pela mais modelar correção e por trabalho sobre indefesso, pasmando-se de que o tempo lhe abaste para tão fadigosa lida, productivo e laureavel.

Póde ir-se até afoutamente se dizer que a vida lhe tem sido sempre e inteira orientada pela trindade luminosissima e suggestionante em todos os tempos, aspiração suprema da humanidade, do bom, do justo e do bello, e que já mais d'ella tem despregado os olhos e intimos anhelos quer em seus escriptos quer em suas acções.

Quanto a estas não sei de alguma — uma só que seja — que o deslustre, e no desempenho das funcções que como magistrado do M. P. exerce e das obrigações que como tal lhe impedem, nenhum acto seu ha que não tenha plena justificação, ou que testemunho possa dar de incomprehendida ou deliberada subserviencia, ao passo

(1) Parva em seu duplo sentido.

que muitos d'elles poderão registrar-se como sendo da mais consciente, inteira e nobre isenção.

Quanto á sua obra literaria, com os dilatados horisontes que alcança e abrange, tem sido pautada sempre pelo desejo de illustrar sua patria, commemorando-lhe e acendrando lhe predicados e valia e procurando com todo o seu grande e productivo esforço augmentar seu patrimonio, d'ella, e de seus filhos.

Escrevendo para o publico, o que n'elle é como que uma necessidade pela exuberancia de seu talento e de sua actividade — de cujo incansado vigor e força eu me maravilho a cada passo, repito-o pasmado como o tempo lhe abasta para o tanto que trabalha e produz! — não esquece por um só momento, o que resalta bem patente de algumas de suas obras, que d'esse publico é parte integrante um filho seu, uma parte do seu corpo, do seu sangue e de sua alma, a quem, por sem duvida, mais do que a tudo e a todos quer, e a quem melhor deseja educar apercebendo-o, quanto possivel, para a cruenta e quasi sempre devastadora lucta pela existencia.

Todo o cuidado e solitudine põe elle, assim, em cousa alguma escrever, nem por ideia alguma pleitear, a que não quadre qualquer, se não todas, das faces da trindade santa a que atraz m' refiro, constituída pelo bom, pelo justo e pelo bello; e se descido tem a compulsar affanosamente, tactear e auscultar as tamanhas e tantissimas miserias de que enferma a sociedade moderna, e para isso as proprias funcções que tão levantada e nobremente exerce lhe abrem diariamente ensejo, não o ha feito só para sciencia propria e para leccionar e doutrinar estranhos, apesar da immensa caridade (1) com que o desempenha na missão que para isso se impoz, e por certo que em taes estudos e trabalhosas e pungentes investigações põe muito do seu amor paternal.

Sendo assim, como para mim tenho por indubitavel, não póde haver em toda a obra do sr. dr. Trindade Coelho maleficio que apontar e engessar, que como pae, sendo esclarecido como elle o é e bem conhecedor do trama da vida, quer familiar quer social, por modo algum quererá ou se permitirá induzir proposadamente seu filho ao erro e levar-o por invios caminhos, mas bem ao contrario procurará allumiá-lo a estrada inteira da vida com a luz da verdade, prevenindo-o contra todas as ciladas e contra todos os precipicios que n'ella se lhe possam deparar, de modo a poder evital os.

Nesta corrente de ideias e sentimentos o *Manual Politico do Cidadão Portuguez* é consequencia e corollario necessario e lidimo, legitimo e ao extremo applaudivel de toda a anterior obra do sr. dr. Trindade Coelho, especialmente na e pela sua face pedagogica, um, se não o primeiro, de seus aspectos mais meritorios.

Apercebido para entrar á vida com as noções tão excellentes e preciosas, quão indispensáveis, que bebeu nos livros de ensino, instrucção e educação, com cuja publicação elle precedeu a do *Manual Politico*, o nascido em terras portuguezas não poderia, ainda assim julgar-se e haver-se por completamente armado e arreiado para a lucta social, de cuja engrenagem inteiramente desconhecido, e arriscado se veria, como a tantissimos, ao maior numero, até agora tem succedido. a ser n'ella a cada passo victima do seu animo recto e de suas mais nobres illusões, ludibriado, e escarnecido, explorado e jogado, entre baldões, pelos enganos, insídias, motejos, ambições e depradações dos que n'este mundo, em tão crescido numero — ai de nós! — se propuzeram especular em prol do seu eu com o proximo.

Contra estes syrtes de que está coalhado o mar social é escudo e roteiro seguro o *Manual Politico*, e suas paginas devem ler-se, meditar-se e decorar-se, para que sempre estejam presentes á memoria e se lhes possam aproveitar as lições, como as de um novo evangelho, o evangelho do cidadão.

Deveria eu, se fôra um dos primeiros a escrever sobre a admiravel obra, que tão justamente tem sido denominada eminentemente *patriotica*, dar aqui conta, ainda que em rapida exposição, do que em si ella abrange e reune, mas se a fazer o que fosse, teria de repetir o que tantos outros,

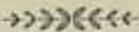
(1) Escrevo a palavra *Caridade* apesar de tão depreciada e combatida hoje pelos que, revoltados contra a sua origem, a pretendem substituir por qualquer dos termos *philantropia*, ou *altruismo*, não só porque desde o berço a ella me acostumei, mas ainda porque comprehendida a caridade, tal como primitivamente foi definida e praticada, exercendo-se de modo que a mão esquerda não saiba o que a direita dá, se me affigura o termo muito superior áquelles dous, e havendo em si como que algo de divino, não influenciado o acto que traduz por vaidades e ostentações humanas...

e excellentemente, antes de mim já tem expressado e assignalado, quer com relação ás suas primeiras 100 paginas, constituindo a versão do admiravel livro de Numa Droz *Instruction Civique*, quer com relação ao restante do volume até sua ultima pagina, a 677, todo de lavra original do sr. Trindade Coelho, fructo opimo e abençoado de um improbo, cuidadoso e indefectivel trabalho, em que englobado tudo o que importa saber ao cidadão portuguez com respeito a seus direitos e a seus deveres, aos beneficios que pôde e deve utilizar na vida social e aos perigos e males que deve evitar ou conjurar.

Apalpa-se mais do que se vê, em todas estas paginas quentes e vibrantes, que não são ellas filhas e nascidas só de uma grande intelligencia acuradamente cultivada, mas que n'ellas entrou em muito o coração do auctor que ao serviço de seu doutrinar pôe o melhor do seu ser com uma dedicação e devoção admiráveis.

Ao que acabo de lançar ao papel, attendendo a que tempo é de pôr termo a meu discorrer pois por licito não tenho o abuzar em excesso da hospitalidade do OCCIDENTE, só hei a crescer, o que para mim vale muito e muito, muitissimo, em qualquer obra, que o *Manual Politico* está escripto em portuguez de lei, claro e preciso, e altamente vernaculo, o que não obstou a que um dos seus criticos (!) — zoilo e não aristarco — ousasse imputar-lhe falta de respeito pela grammatica em artigo, ainda bem e providencialmente, eivado de dislates e gallicismos!!... Deus de bondade! perdoae-lhes que não sabem o que fazem.....

RODRIGO VELLOSO.



## «ANGELA PINTO»

LIVRARIA EDITORA VIUVA TAVARES CARDOSO

Não podia vir mais a proposito este livro, quando a predestinada actriz foi por esse Brasil fóra despejar a jorro a caudal do seu talento, e quando regressa ao ninho, triumphante, radiosa, que mais loiros não podia colher sua ambição de gloria.

Um livro, que é como que o seu diploma de artista, a consagração do seu trabalho em toda a escala da arte dramatica, desde a farça á tragedia, «abordando e percorrendo, com rara felicidade, todos os generos que actualmente são explorados no theatro portuguez», como muito bem diz Augusto de Mello, nas paginas com que abre o livro *Angela Pinto*.

Este livro, cujo sub titulo, *Esbocos, Homenagens e Appreciações Criticas*, o que logo nos diz o texto de suas paginas, fórma como que um grande ramalhete de coloridas e odoríferas flores, offerecido á genial actriz em recita de sua festa artistica.

De apreciações criticas elle se compõe effecti-

vamente: as da imprensa brasileira, da açoriana e da do continente, seguindo-se os *Juizos Pessoaes* de D. João da Camara, Abel Botelho, Manoel Penteado, Sousa Bastos, Fialho d'Almeida, Luiz Galhardo, J. Moniz, Jorge Santos, João Gouveia, Acacio Antunes, Salvador Marques, João Soler, Lopes de Mendonça, Coelho de Carvalho, Freitas Branco, Santos Tavares, Heliodoro Salgado, Fernando Reis, Gualdino Gomes, Gomes Leal, Amadeu de Freitas, Augusto de Lacerda, Julio Dantas, Marcellino Mesquita, Hydio Perfeito, Eduardo de Noronha, Ayres Diniz, Affonso Gayo, João Chagas, Faustino da Fonseca, Maximiliano de



NO «BURRO DO SR. ALCAIDE»

Azevedo e Eduardo Garrido, quasi todos auctores dramaticos.

E por entre as paginas do livro onde scintilla o espirito de tantos criticos, intercalam-se numerosas gravuras em que apparece Angela Pinto em diferentes papeis do seu vasto repertorio, accentuando ora a sua feição comica, ora a dramatica até á tragica, que a todos o seu grande talento se accomoda, em todos brilha como estrela de primeira grandesa.

Quem a não terá aplaudido nos palcos portuguezes? Quem a não terá victoriado nos palcos brasileiros?

Quando se estreou no theatro da Rua dos Con-



NO «SOLAR DOS BARRIGAS»



NO «AMOR DE PERDIÇÃO»

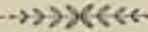
des, em 1890, na peça *Lobos do mar*, tinha uns vinte annos, (nasceu em Lisboa a 15 de novembro de 1869) e em pouco tempo conquistou um primeiro logar entre as actrices portuguezas.

Poucas actrices como ella terão feito assomar

tanta vez aos olhos dos espectadores as sentidas lagrimas das commoções tristes, ou entornado em seus corações a alegria desopilante das verdadeiras situações comicas.

São assim os grandes actores, é este o diapasão pelo qual se avalia o seu verdadeiro merito.

E' isto o que o livro *Angela Pinto* pôe em relevo, em suas paginas nitidas, profusamente illustradas de gravuras de que apresentamos alguns specimens.



## VILLA DA PEDERNEIRA

PRAIA E SÍTIO DA NAZARÉTH

(Concluido do n.º 997)

As tres povoações, continua aquelle illustre escriptor, guardam uma especie de relação entre si. A *Pederneira* exprime o elemento politico da historia; o *Sítio*, o prodigio que o tornou solemne; a *Praia* é a saude, são os banhos, os muitos amores que se ganham, muitas libras que se perdem, muitas esperanças que florescem, muitos desenganos que se encontram.

A villa da Pederneira, cabeça de concelho, composto de sua freguezia sob a invocação de seu orago, Santa Maria das Areias, das de Famalicao e Vallado, é povoada de 5397 habitantes, a maior parte de pescadores, conforme o ultimo recenseamento official de 1900.

Esta villa era vigararia da apresentação do convento d'Alcobaça, e um dos seus mais antigos coutos de que eram donatarios os abbades d'aquelle convento.

Pelo abbade D. Frei Estevam II foi conferida á villa da Pederneira carta de foral em 1276 a 1283, a não suppormos a precedencia d'outra, como se pretende deduzir da antiguidade d'esta povoação, á qual el rei D. Manoel tambem lhe deu foral a 1.º d'outubro de 1514 (1), e lhe mandou applicar o foral da villa d'Alcobaça do mesma data (2), reconhecido e reformado por sentença de 6 de julho de 1556 com 12 capitulos (3), o que tudo se acha registado no Maço 1 dos Foraes novissimos n.º v da Torre do Tombo (4).

D'entre os muitos privilegios, que estes fruíam, competia-lhes tambem a arrecadação dos direitos do pescado que consistia em um peixe de cada 20 que colhiam, ou 1\$000 réis por cada 20\$000 réis do seu producto.

Para este fim possuíam os frades uma propriedade murada, que consta de casas de habitação, denominada a Cêrca, que defronta com a Misericordia e cemiterio municipal.

A tabella do imposto do pescado, n'esta localidade, até á data em que começou a vigorar o decreto da regencia da Ilha Terceira n.º 24 de 9 de novembro de 1830, (diploma que mareou uma epoca notavel na historia das pescarias em Portugal), era assás onerosa para os pobres pescadores, porque, além dos citados direitos, lhes eram exigidos outros, como passamos a demonstrar:

Pelo Estado um peixe por cada 22, ou 1\$000 réis por cada 22\$000 réis;

Pela collegiada da villa da Pederneira um peixe por cada 15, que colhessem, ou 1\$000 réis por cada 15\$000 réis;

Pela Misericordia, em virtude d'um contracto feito entre os frades Bernardos e os vogaes d'esta corporação, a terça parte do peixe (ou do seu producto), que colhiam aos domingos e dias santos; e nos dias de semana 200 réis de cada 4\$000 réis do producto do peixe, e d'ahi para cima a mesma quantia de 200 réis; não chegando, porém, o producto a 4\$000 réis nada pagavam.

A Misericordia dava parte d'esses lucros, isto é, sómente metade do terço das pescarias colhidas aos domingos e dias santos á Confraria do Santissimo, vindo d'aqui o uso das companhas separarem esta quantia para o azeite da lampada do Santissimo sempre que a pesca attinja certa importancia, como na actualidade praticam.

Tendo sido a villa da Pederneira, séde de concelho, por espaço de tres seculos, só deixou de o ser no decurso de 43 annos e 58 dias, isto, é de 24 de outubro de 1855 até 22 de junho de 1898 que esteve annexo ao concelho d'Alcobaça.

(1) Livro dos Foraes novos da Extremadura, pag. 137, col. II.

(2) Idem, pag. 121, col. I.

(3) Idem, pag. 256, col. I.

(4) A carta de foral pode considerar-se uma especie de carta constitucional dos municipios, especial para cada um, sem nenhuma sujeição as normas equalitarias.

# A actriz Angela Pinto



NA «LAGARTIXA»



NA «ROSA ENGEITADA»



NA «AZAZÁ»



NO «SERÃO DAS LARANJEIRAS»



NA «NELLY ROSIER»



NO «BURRO DO SR. ALCAIDE»



NOS «28 DIAS DE CLARINHA»

(Gravuras extrahidas do livro ANGELA PINTO, edição da Viuva Tavares Caração)

# A NAZARETH

Para esta desannexação ha a registrar iniciativas louvaveis e boas vontades por parte das pessoas mais gradas da villa, á frente das quaes tomou uma parte activa e energica pela tenacidade dos seus esforços o prestimoso conterraneo o sr. Adrião Batalha, a que elogiosamente se referiram os jornaes d'esta localidade — *Correio da Nazareth, Povo da Nazareth*, e actualmente — a *Nazareth*, de que é digno director o sr. Francisco Teixeira Freire.

Do que levamos dito já vinha de longe a vehemente aspiração d'estes povos para se constituirem em concelho, a que lhes dava jus a sua importancia e riqueza, porque, na parte referente á freguezia da Pederneira, o rendimento collectavel constante da respectiva matriz predial, relativa ao anno de 1904 é de 32:331\$770 réis, correspondente a 3:844 predios, pertencentes a 863 contribuintes, ao passo que a matriz da contribuição industrial, no tocante á mesma freguezia, e ao mesmo anno, accusa a importancia de 3:040\$445 réis, paga por 469 contribuintes; e, se nos referirmos ao imposto do pescado, sob a fiscalisação do

respectivo posto fiscal (1), a sua receita, no referido anno, é de 8:587\$441 réis, devida ao desenvolvimento e efficaz applicação dos varios systemas de pesca em voga n'esta região maritima; uns por meio d'anzol no alto mar; outros

por meio de redes de armação, e ainda outros com armações redondas e valencianas.

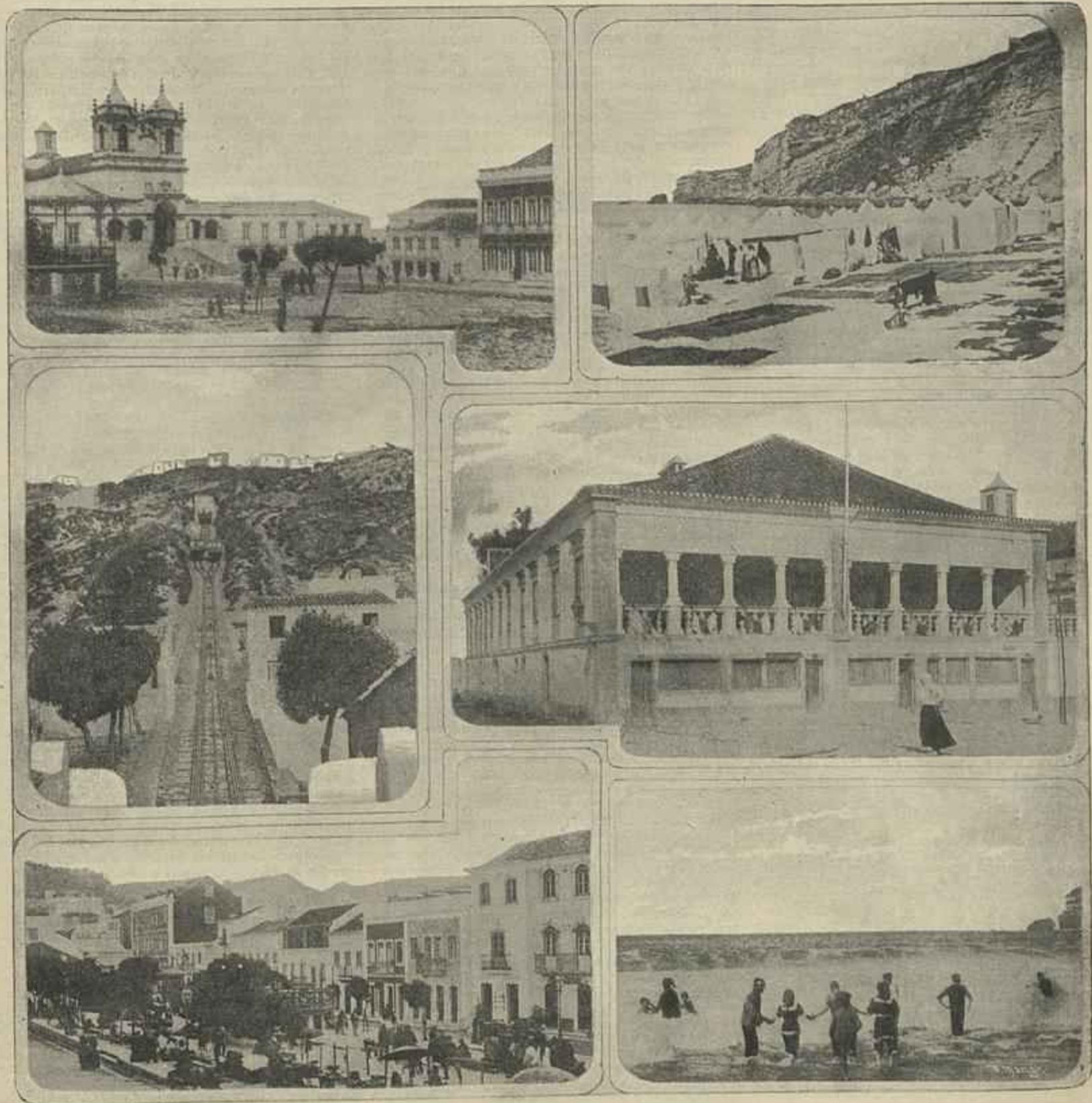
Além de que possui, desde 28 de julho de 1899, graças ao genio empreendedor do nosso saudoso amigo, dr. Antonio Lucio Tavares Crespo, um ascensor, que está aberto ao publico durante a epoca balnear; e funciona, entre a Praia e Sitio, desde as 6 horas da manhã até ás 9 da noite, excepto nos dias das festas de setembro, que trabalha até á meia noite.

Ha tambem n'esta villa desde abril de 1905, um corpo de bombeiros municipaes, sob o commando do sr. Cesar Coelho da Silva, a quem tem sido dispensados os maiores louvores pela forma como mantem devidamente disciplinada e instruida esta benemerita corporação.

A villa tem predios regulares, que pertencem, na sua maxima parte, a lavradores, dis-



(1) Foi alfandega até 1849, e depois substituida por uma delegação sujeita á alfandega de S. Martinho por motivos circunstanciadamente expostos no relatório do Ministerio da Fazenda de 28 de fevereiro de 1850.



PRAÇA SOUSA E OLIVEIRA. — A EGREJA. — A PRAIA DE BANHOS. — O ELEVADOR. — PALACIO REAL. — PRAÇA DO MERCADO. — O BANHO.

(Copia de photographias)

tinguindo-se, em frente do seu principal largo, os Paços do Concelho de sólida construção com o seu campanário ao centro. Note-se, porém, que este edificio não foi aproveitado, após a restauração do concelho, para alli se installarem as repartições municipaes, visto ter-se escolhido, para estas e outras, a povoação da Praia, como ponto mais central; apenas — sem modificação — as casas destinadas para a cadeia, e no primeiro andar, como posteriormente a 1855, a aula d'instrução primaria do sexo masculino.

Ao lado do sul d'este largo impõe-se pelas suas prerogativas parochiaes a igreja matriz (1), templo vasto, mas de modesta apparencia externa, emquanto que internamente prima pelo seu irreprehensivel accio e pela magnificencia de seus altares, e pela da capella-mór, em que sobre saem dois quadros historicos da vida do nosso glorioso thaumaturgo Santo Antonio, e pelos seus bem cuidados ornamentos, alfaias, etc., se bem que, n'esta parte, o sobreleve em grandeza e sumptuosidade um outro templo, que lhe fica a curta distancia. Referimo-nos ao santuario de Nossa Senhora da Nazareth, obra d'el-rei D. Fernando, que de proposito alli veio lançar-lhe a primeira pedra, — que depois foi reedificado e ampliado pela benemerita e virtuosa rainha D. Leonor, esposa de D. João II e ultimado por el-rei D. Manuel, que o levou á regalia de padroado real, — regalia assás glorificada pelo culto que os nossos monarchas e grandes da corte tem tributado á Virgem junto de seus altares.

Os architectos tem sido muitos, por que a devoção vem de seculos; e da sua benefica e piedosa acção tem promanado tantos melhoramentos, que nos arrebata o espirito e deleitam a alma vèl-os nitidamente representados nas preciosidades artisticas que a igreja e sacristia ostentam, quer nos grandes quadros a proposito das scenas commoventes do martyrio do Salvador e dos milagres operados pela Senhora da Nazareth, quer nos azulejos riquissimos pela sua antiguidade e primor de desenho, e colorido, no tocante a algumas passagens referidas na Sagrada Escripura, especialmente, pelo seu objectivo, a do propheta Jonas, restituído milagrosamente á vida; destacando-se, sobretudo, entre tantas joias artisticas, o bello aspecto decorativo do altar-mór, e por sobre elle a elegante galeria, onde se vê desde 5 d'agosto de 1377 a imagem da Senhora da Nazareth exposta á veneração dos fieis, — mas não ininterruptamente porque, para a resguardar dos execrandos desacatos perpetrados na sua igreja pelos invasores francezes (1808-1812), foi ella, a pedido do mordomo da mesma igreja, o reverendo padre Antonio Baptista Bello de Carvalho, mandada collocar por ordem de Sua Alteza, o Principe Regente D. João, no altar de S. Clemente do real palacio de Queluz, até que, restabelecida a paz, a ordem e a justiça entre nós, regressou ao seu templo a 6 de setembro de 1812, mercê das bem ponderadas diligencias e dedicada solicitude d'aquelle mordomo pelo que foi elevado á cathedra de reitor (2).

Tambem são muito apreciaveis os serviços prestados pelo antigo mordomo, depois reitor da collegiada da Nazareth, o dr. João da Silva Rebello (1774 a 1780) (3) sobre os meios de que dispoz para manter o engrandecimento e conservação do magestoso santuario, como se reconhece dos seguintes sonetos que, por determinadas circumstancias, dirigiu ao extraordinario estadista, Marquez de Pombal:

## I

Mandou Vossa Excellencia em certo dia,  
Que eu cá em Nazareth não cedesse  
Guisamentos ao frade que viesse  
A's festas de setembro em romaria;

Obedeci, Senhor, como devia,  
E disse ao ermitão que lh'os não desse;  
Ainda que d'ahi me proviesse  
Um odio universal da fradaria.

Porém agora sei que é um frade  
Vos faço petição mui submissa,  
Que me livreis da sua inimidade.

Pois pelo odio que lhe a alma atica  
Preciso que me faça a caridade,  
Se eu fizer o que devo de justiça.

(1) Antes da edificação d'esta igreja, — que consta ter sido no reinado dos Filippes, — existiu uma outra sob a invocação de Santo André, em sitio mais afastado do centro d'esta villa.

(2) Vide o jornal *O Occidente*, n.º 861.  
(3) Este é o auctor do *Palácio Metrico*, interessante *Macaronica Latino-portuguesa*, que publicou com o pseudonymo d'Antonio Duarte Ferrão.

II  
Tendo proposto a quatro carpinteiros,  
Grandes mestres de serra e machado,  
Em que lua será mais acertado  
Que se faça o decote dos pinheiros,

No crescente disseram os dois primeiros,  
Porque fazia crescer o tabolado;  
Custa menos a obra sendo cortado  
No minguante, escutei aos derradeiros.

E como o juizo fica vacillante,  
E qualquer dos dois votos igualmente  
Dá proveito á Senhora supplicante;

Peço ao Rei que despache piamente,  
Que o decote se faça no minguante  
E que a esmola se faça no crescente.

O douto reitor e egregio poeta, homem de valimento na corte de D. José I, teve em vista no primeiro soneto: pôr um dique á desmedida ambição que se apossou dos frades, por occasião das festas de setembro, para apanharem os paramentos aos que voltavam de dizer missa, afim tambem d'a irem celebrar; no segundo: solicitar do governo a aquisição de madeiras do pinhal nacional de Leiria, em vista da sua superioridade em qualidade e duração ás do pinhal que esta casa possui n'uma superficie de 1000 hectares; e n'este louvavel proposito não se fez esperar a concessão das pretendidas madeiras que, sem demora, foram applicadas aos urgentes reparos de que carecia a mesma casa e igreja.

Contigua a esta igreja encontra-se installada a administração da Real Casa, cujos rendimentos, segundo o orçamento approved para o anno economico de 1905-1906 attingiu a somma de 11:380.725 réis, em que se comprehende d'esmoias e offerendas votivas, que de toda a parte alli acodem, a importancia de 2:724.120 réis — rendimentos, com os quaes, e nos termos do referido orçamento, têm de ser satisfeitos os variados encargos, que pesam sobre este estabelecimento, em cujo numero registamos, com intima satisfação, o da aula d'instrução primaria do sexo feminino.

A administração d'esta casa, em tempos passados, era regida por provisões dos reis, se bem que Filipe II no anno de 1616 lhe deu uma especie de regimento, mas cujo principal fim se dirigiu a cortar desavenças que se haviam levantado entre os irmãos. Implantado o regimen liberal foi nos primeiros annos conferida a administração a diferentes commissões, até que foi regulamentada por decreto de 13 d'agosto de 1830, consistindo as bases d'este decreto: no regimen administrativo; no emprestimo dos dinheiros a juros, e em uma doação ao hospital da Pederneira. Como o decreto estivesse muito á quem das necessidades e importancia da casa, foi reformado pelo regulamento de 27 de dezembro de 1854; este pelo regulamento de 4 de outubro de 1892 e ultimamente pelo regulamento de 8 d'abril de 1897.

Além da igreja parochial ha duas capellas: a de N. S. dos Anjos, sobre um pequeno morro, proximo do monte Peralva e á beira da estrada que conduz á Praia; e ao fundo da villa a capella da Misericordia, mandada annexar á real casa da Nazareth por portaria de 17 de junho de 1877, com a obrigação de custear o seu antigo hospital (4), que, por não estar em boas condições, foi mais tarde estabelecido em excellented edificio junto do palacio real e ao lado do templo, com todos os requisitos aconselhados pela sciencia para o seu regular funcionamento, isto é, com hygienicas enfermarias para os dois sexos, e provido de todos os pertences indispensaveis a estabelecimentos d'esta ordem.

Na magnifica capella da Misericordia, que foi fundada antes de 1660, se venera a imagem do Senhor dos Passos, digna d'alto apreço pelo seu valor artistico, que muito honra o seu auctor e a arte portugueza. Tem esta imagem um culto fervoroso, saindo todos os annos procionalmente na 4.ª dominga da quaresma para o magestoso templo da Senhora da Nazareth, regressando no dia seguinte para a sua capella.

Houve n'esta villa uma collegiada muito respeitavel pelo numero de membros de que se compunha, e pe'a attituded correctissima por que desempenhava a sua honrosa missão, em prol da qual, sem quebra dos seus direitos, por mais de

uma vez, manteve vigorosa lucta com os frades d'Alcobaça.

No seculo XVII existiam n'esta villa magnificos estaleiros, onde se construíram navios do Estado e particulares tanto costeiros, como de longo curso. Quanto áquelles, mandou D. Gastão Coutinho pelos annos de 1600 e 1610 ali construir duas naus de guerra, que foram lançadas ao mar com os nomes de *Conceição* e *N. S. da Nazareth*, aprestadas para a expedição da India, levando a bordo por capitão D. Jeronymo d'Almeida. Presentemente só ha estaleiros na Praia da Nazareth, onde apenas se construem embarcações para os pescadores da costa.

N'esta villa ainda se vê o chafariz velho, cuja constaução data de 1520, e se acha decorado com as armas de Portugal.

A um kilometro da villa da Pederneira para o nascente se levanta n'aquelle extenso areal o antigo *Monte Seano*, producto informe d'uma erupção vulcanica, hoje chamado Monte de S. Bartholomeu por se haver ali erigido uma ermida no cume d'este cerro com o nome do apostolo, que diversos habitantes d'Alcobaça costumam festejar annualmente em 24 d'agosto.

Não é menos soberbo o espectáculo que d'alli se descobre; compensa agradavelmente o sacrificio da subida, ao passo que imprime em nosso espirito grandiosas recordações pelo importante papel que representa na historia religiosa, pois foi n'este pittoresco morro, cone gigantesco onde fr. Romano, deparando com um riquissimo crucifixo (5) em modesto altar, n'elle collocou a veneranda imagem de Nazareth tendo por fervoroso admirador D. Rodrigo, ultimo rei godo e por ministro do culto o mesmo monge (6), ambos elles peregrinos do deserto, apoz a desgraçada batalha de Guadalete. (7)

Estendendo a vista pela parte do nascente, goza-se o completo da bellissima paisagem: na raiz d'este monte uma grande floresta a sumir-se pelos valles; na mesma direcção os ferteis campos do Vallado (8) cortados pela linha ferre-viaria e ao centro pelos dois rios *Côa* e *Baça*, que vão deslizando em leitos d'areia; e mais ao longe as serras d'Aljubarrota aformoseadas pela perenne verdura das oliveiras, alvejando, em diversos pontos no tanto distanciados as aldeias, em grupos de pequenas casas cercadas de verdura; e, para o poente, o quadro é encantador e deslumbrante n'uma d'essas suaves tardes de setembro em que o sol mergulhando no oceano entornava pelas nuvens tintas de cores incomparaveis, e produzia vagas fulgurações diamantinas, que vivamente se reflectiam sobre as placidas aguas do Atlantico pelas cristas e pincaes escavados e acastellados ao norte do morro da Nazareth e pela collina em que assenta esta antiquissima villa.

O nosso inolvidavel amigo e distincto juriscunsulto, dr. Antonio Lucio Tavares Crespo, referindo-se em carta, que conservamos, ao quadro magestoso que se distructa do alto d'este monte, em uma d'essas tardes, em confronto com o que viu lá fóra — nos diz que as afamadas praias de S. Sebastian, ao norte da Hespanha, d'Arcachon, Biarritz, Dieppe e Havre de Grâce, em França, são admiraveis nos seus casinos, nos seus palacetes e jardins, nas suas grandezas architectonicas, nos seus monumentos magestosos, e nas suas *dokas* grandiosas; mas... a altitude das montanhas circundantes, a extensão dos horizontes, o esconder do sol contemplado do alto das erupções vulcanicas, a 100 e 150 metros acima do nivel do mar, o crystal das areias beijadas pelas vagas, o sabor delicioso do peixe, a abundancia e barateza dos productos agricolas, a variedade da paisagem, a frescura das brizas impregnada do aroma dos pinhaes, as optimas condições de salubridade para todas as organisações humanas, a surpresa do sub-céo formado pelas gigantescas lageas do promontorio do Sitio, a magestade do templo da Virgem de Nazareth e, em fim, todas as bellezas captivantes da próspera natureza em parte alguma as vimos, (desculpem-nos o affecto á terra natalicia), tão notaveis, tão formosas, tão variadas, como na Nazareth.

Se durante a epocha balnear é muito visitado o vetusto monte de S. Bartholomeu, as visitas repetiam-se quotidianamente e a miudo, como ou-

(4) Existe na sacristia da igreja da Nazareth tendo dos lados os quadros concernentes á lenda da milagrosa imagem.

(5) D'este monte levou o monge fr. Romano a imagem para o sitio mais elevado do promontorio da Nazareth aonde seculos depois D. Fias Roupinh i lhe erigiu a capella da *Memoria*, aberta dos lados, formando quatro arcos, que com o decorrer dos tempos foram fechados para evitar os danos que as chuvas e as tempestades faziam dentro da ermida.

(6) Vide o jornal *O Occidente*, n.º 160.

(7) Estes campos, como os d'Alfeizerão, foram até ao seculo XVI um bello porto de mar, que podia abrigar mais de 60 em barcações.

(8) Os bens que possuía no tempo da annexação foram réis 3:314.885, capitães mutuados; em rendimento de fóros, 32816 réis; de trigo, 1:448.895 réis; e em inscrições, valor nominal, réis 3:100.000.

vimos referir, no 1.º e 2.º quartel do século XIX — epocha em que alli viveu envolto no burel da penitencia um santo eremita, conhecido pelo nome de irmão Manoel. Era varão respeitavel pela firmeza e seriedade de suas crenças, prendendo a todos instinctivamente com o seu exemplo e com as suas palavras.

Jaz sepultado na capellinha, que tanto engrandeceu com o obulo da caridade.

Terminamos, lembrando que a villa da Pedreira foi berço de varões illustres, figurando entre elles, com um nome verdadeiramente historico, Manoel Brito Alão, presbytero exemplar e illustrado e um distincto e zeloso funcionario pelos importantes serviços que prestou, como administrador da Casa da Nazareth, deixando, para prova do seu fervente patriotismo, escripta uma obra sobre a Nazareth, seguida das prodigiosas historias e miraculosos successos alli acontecidos, obra que foi publicada em 1628 e 1637 e depois reeditada em 1684. Além d'este illustre varão citaremos o nome de D. Fr. Joaquim de N. S. da Nazareth com respeitosa admiração pelas suas virtudes, pela sua muita illustração e pela nobreza e elevação de caracter. Seus subidos merecimentos, esmaltados por uma extrema modestia, o elevaram á dignidade de prelado de Moçambique com o bispado, *in partibus*, de Leontopole.

Passando ao Brazil, foi nomeado, em 1820, bispo do Maranhão, tomando posse d'esta diocese em 11 de maio d'esse anno. N'esta cidade conquistou o apostolico prelado as maiores sympathias radicando lá amizades muito sinceras e de inolvidavel reconhecimento.

Com a independencia do Brazil abandonou este paiz por não adherir, e conseguiu que o governo portuguez, em troca, o nomeasse bispo de Coimbra, de que entrou na posse em 1824.

Correram agitados os dias do seu governo episcopal, mas d'um modo inequivoco, quando as tropas liberaes entraram n'esta cidade, d'onde fugiu, indo homiziar-se em Lisboa, sem tenção já mais de presidir aos destinos da igreja comimbricense.

Deixou assignalada a sua passagem n'esta diocese, tanto pela acção benéfica e paternal que carinhosamente exerceu, como pela verdadeira e salutar doutrina que eruditamente desenvolveu nas suas pastoraes, mórmente contra as sociedades secretas e contra a intrusão dos vigarios capitulares por falta de jurisdicção legitima dos parochos e mais ministros do culto nomeados por elles.

Publicou em 1845, 1846 e 1847 no Maranhão, onde serviu o resto dos seus dias, o *Novo Testamento em tres tomos, conforme a vulgata latina, traduzido em portuguez, e annotado segundo o sentido dos santos padres e expositores catholicos, e se refutam os erros dos novadores antigos e modernos.*

As excellentes qualidades d'estes dois insignes varões dão assumpto perenne para bem acabados panegiricos — que são outras tantas paginas brilhantes para a historia d'esta antiquissima villa.

LINO J. F. DA COSTA.

## SCIENCIA MODERNA

### Apparelho contra as explosões, asphyxia e incendio

Consta de uma balança de precisão muito sensível, na qual um dos extremos dos braços está ligado a um recipiente cheio de ar, cuja composição é normal, e o outro, a um prato de superficie igual á parte superior do recipiente. O equilibrio da balança realisa-se, sempre que se manifestem as condições normaes, isto é que o ar do ambiente seja puro, mas pela lei de Archimedes desde que o ar tenha variado de densidade, cessa immediatamente esse equilibrio. Se o gaz alheio ao ar, é mais leve que o ar, o recipiente A, tende a cahir! no caso contrario, sobe; obtendo-se d'esta forma, um movimento de basculo utilisavel para fechar ou abrir um circuito electrico, que liga a uma campainha electrica de alarme para que se tenha immediatamente conhecimento de que um gaz estranho ao ar, se apossou do ambiente em que se está, ou ainda, esse circuito se liga a um caixilho movel de uma janella afim de permittir a renovação do ar viciado d'aquelle meio.

Como a balança de precisão é sensível ás mudanças de temperatura e pressão atmospherica, um thermometro e um barometro acham-se collocados junto ao aparelho. O barometro asse-

roide faz girar uma alavanca, que possui um contrapeso de posição variavel consoante a altura barometrica, de modo que haja sempre uma compensação e o equilibrio se restabeleça automaticamente, assim como o thermometro metallico, com disposição analoga, tende a destruir as diferenças thermometricas.

Como o aparelho é sensível á menor alteração do ar atmospherico facilmente podemos concluir que elle póde prevêr os symptomas de uma explosão de gaz, ou outro qualquer incendio.

Experiencias feitas com o gaz de illuminación e grisu demonstraram que o aparelho é sensível desde que o ambiente contenha 1/300, do 1.º e 1/500, do 2.º

ANTONIO A. O. MACHADO.

## LIÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

Prepare-se um banho, composto de uma solução alcoolica de acido gallico a 20%, introduzindo-se-lhe 10<sup>cc</sup> de acido sulphuroso liquido por cada 100<sup>cc</sup> da solução, e, fora do alcance da luz, junte-se 50<sup>cc</sup> d'este banho com 10<sup>cc</sup> d'emulsão de citrato de prata. Este preparado estendido sobre o papel, vende-se no mercado com o nome de *Papel Takis*.

Para revelar a imagem, bastará só emergir o papel na agua pura em pequena quantidade, fixando-a com o hyphosulphito. Se o tom obtido não satisfaz, pode proceder-se a uma viragem pelo ouro ou platina como de costume. Deve evitar-se com este papel, qualquer humidade.

Este novo papel tornar-se-ha util para o caso de se pretender uma revelação rapida.

## A commemoração do Pintor Vieira Portuense

(Concluido do n.º 994)

D. Rodrigo de Sousa Coutinho, mais tarde conde de Linhares, era um erudito, muito dedicado ao engrandecimento das bellas letras e artes do seu paiz, e tendo sido nomeado em 1801 inspector da regia officina tipographica, cargo que com outros accumulou com o de ministro da fazenda na mesma epocha, foi seu cuidado dar nova orientação e grande impulso áquella officina, que ampliou, passando a denominar-se Imprensa Regia, por decreto de 7 de dezembro do dito anno.

Assim alargou os recursos tipographicos de aquella imprensa e planeou, entre outras obras, o dar á estampa uma edição dos *Lusiadas*, edição de luxo e condigna da magnitude do assumpto, e para maior bel esa, illustrada com estampas das passagens mais importantes do poema.

Circunstancias, porém, não permitiram que tal edição se fizesse, entretanto Francisco Vieira foi encarregado de fazer as composições, motivo pelo qual veio para Lisboa, onde se encontrou com o seu amigo, ou parente, o gravador Bartholozzi que devia executar as gravuras.

Francisco Vieira chegou a fazer onze quadros, ou esboços a óleo, de passagens do *Lusiadas*, que não chegaram a ser gravados, mas que foram adquiridos por D. Pedro de Sousa Holstein, Duque de Palmella e que se encontram na esplendida galeria de Pintura, desta nobre casa.

E' este um dos trabalhos importantes de Vieira Portuense, mas, além dos já mencionados, a muitas obras de valor ligou seu nome.

Quando Francisco Vieira veio a Lisboa, em 1802, n'essa occasião tratava-se na capital de celebrar com festas publicas o successo da paz geral, que fôra assignada em Amiens, a 27 de março d'aquelle anno. Entre essas festas celebrou-se no templo de S. Domingos grande solemnidade religiosa a expensas do senado de Lisboa, o qual encomendou a Vieira um quadro allegorico que devia figurar n'aquelle festa. Com relativa facilidade e prestêza se desempenhou o artista da incumbencia agradando muito a composição que fez, em que representava no meio do quadro a figura da monarchia lusitana, «personificada em uma gentil matrona com attributos adequados, tendo pendente sobre o peito o retrato do principe regente, e servindo-lhe de cortejo outras figuras, que representavam as virtudes e as artes, igualmente caracterizadas».

Francisco Vieira impunha-se por seus merecimentos ao apreço e admiração de seus contemporaneos. D'elle fallaram ao principe regente D. João de Almeida e o visconde de Anadia elogiando o artista, de que resultou o ser este nomeado, por decreto de 28 de junho de 1802, pintor da

real camara com a pensão annual de 2:000\$000 réis, permitindo-se-lhe a accumulção d'este com o emprego de lente da aula do Porto, e sendo-lhe commetida a obrigação de dirigir e executar, juntamente com o seu collega Domingos Antonio de Sequeira, a quem ficava em tudo e para tudo equiparado, as obras de pintura que se haviam de fazer no real paço da Ajuda».

Por isto se vê o alto conceito em que era tido Francisco Vieira e como eram recompensados seus merecimentos numa epocha tão pouco favoravel a Portugal e em que o dinheiro valia tres ou quatro vezes o que vale hoje.

Não se póde dizer que tenhamos progredido na consideração e apreço dados ás artes e aos artistas em nosso paiz. Antes pelo contrario, não sendo por isso de admirar que as artes não prosperem tanto quanto deviam, mais entregues ao proprio esforço dos artistas do que á protecção do Estado, que em todos os países e em todas as epochas tem sido sempre o primeiro a animal-as e a protegê-las, como principal elemento de civilização autonomia de nacionalidade dos povos.

Deixemos, porém, estas considerações e prosiguamos, na apreciação do grande artista do século XVIII, que poucos annos contou do XIX.

Soube Vieira bem corresponder ás mercês regias, não descançando sobre os louros colhidos, mas dedicando-se cada vez mais ao trabalho, de modo que em pouco tempo compoz e pintou dois notaveis quadros, dos melhores de sua obra, representando um: *Desembarque de Vasco da Gama na India*, o outro *D. Inez de Castro ajoelhada com os filhos perante o rei D. Affonso*. Estes quadros pintados para a galeria real, foram, depois de 1807, transportados com outros para o Rio de Janeiro, devendo existir no paço de S. Christovão, no chamado *torreão de prata*. Francisco Innocencio da Silva, ao qual nos estamos reportando, diz: «Ao nosso bom amigo e distincto pintor e poeta brasileiro, o sr. Manuel de Araujo Porto-Alegre, que muitas vezes os examinou tivemos a satisfação de ouvir dizer, que são ambos de um acabado maravilhoso!»

Outro quadro pintou Francisco Vieira, pelo mesmo tempo, para o seu protector o visconde de Anadia, é o bem conhecido quadro de *D. Philippa de Vithena*, que, com outros do seu pincel, devem existir em casa dos descendentes d'este titular.

Todos estes trabalhos demoraram Francisco Vieira em Lisboa, não lhes permitindo occupar a sua cadeira de professor na escola do Porto, tendo sido esta confiada a seu pae Domingos Vieira, que o substituiu na regencia da mesma, desde 1 de novembro de 1802 a 30 de junho de 1803. Neste anno deliberou o governo crear n'aquella cidade a Academia de Marinha e Commercio, e n'ella incorporou a antiga aula de desenho, reformando os seus estatutos.

A nova aula foi solememente inaugurada por Vieira, em cujo acto pronunciou um discurso apropriado, e que foi impresso em Lisboa, na regia officina tipographica, 1803, sob o titulo: *Discurso feito na abertura da Academia de desenho e pintura na cidade do Porto, por Francisco Vieira Junior, lente da mesma Academia*.

Desde julho de 1803 ficou Vieira occupando a sua cadeira de lente, ao mesmo tempo que se ia desempenhando de outros trabalhos officiaes, além das obras de encomendas particulares, desenvolvendo grande actividade, talvez superior ás suas forças, o que concorreu, sem duvida, para lhe arruinar a saude, que em fins de 1804 se tornou asaz melindrosa.

Debalde a medicina tentou restituir-lhe a saude, Os medicos aconselharam a Vieira os ares da Ilha da Madeira, como unico remedio á sua enfermidade, e elle para ali partiu em abril de 1805. Chegando que foi áquella ilha, o seu estado peiorou rapidamente, e o genial artista ali faleceu no dia 2 de maio.

Alguns dos seus biographos, como Cyrillo e Taborda, revestem esta morte prematura de certo misterio, e até Raczyński se faz eco de certas suspeitas, de que não seria estranho áquelle final tão inesperado a emolucção que Domingos Sequeira, seu contemporaneo, nutria pelo talentoso artista.

A nós parece-nos não ter fundamento tal suspeição, afrontosa de se lançar sobre um espirito superior como era o de Domingos Sequeira, e antes nos inclinamos a crer que fosse uma tísica galopante que victimara o grande pintor, doença que, por ser então pouco vulgar, alarmou os amigos de Vieira, afigurando-se-lhes misteriosa e suspeita aquella morte tão inesperada, no vigor da vida.

Os ultimos trabalhos de Francisco Vieira Portuense são a composição de um grande quadro

representando *Duarte Pacheco*, o *Achilles Lusitano*, defendendo contra o *Camorim* o *passo de Cambalão*, destinado à casa das *Descobertas*, do palacio de Mafra.

Outras obras deixou Vieira, além das já enumeradas no decurso d'este artigo, e que passamos a mencionar:

Um *S. Sebastião*, que julgamos pertencer hoje aos herdeiros dos marquezes de Borba.

Uma *Salvia*, quadro que pertencia aos condes de Anadia.

*Venus e amor* entre uma paisagem no estilo das de Albano, também pertencente aos condes de Anadia. Deste quadro ha uma gravura de Bartholozzi.

Uma *Paisagem*, excellente quadro, que o abbade de Castro diz pertencer aos herdeiros de Antonio Ribeiro Neves.

Outra *Paisagem*, pertencente à familia Celestino Soares.

Lord Howard de Walden, embaixador inglês em Lisboa, possuía varios desenhos de Vieira, a que o conde de Raczynski se refere com louvor dizendo que nesses desenhos encontrou mais sentimento artistico e mais elevação do que em outros de Domingos Sequeira.

Finalmente a individualidade artistica de Francisco Vieira Portuense destaca-se vantajosamente entre os pintores do seu tempo. Mais sujeito aos preceitos da escola italiana do que Sequeira — que por seu espirito independente muita vez se afastou das boas regras d'aquella escola — suas composições primam, principalmente, pela correção do desenho, pela suavidade da cor, que dá a todos os seus quadros uma expressão de doçura e ao mesmo tempo de melancolia, revelando bem a fiura de seu espirito delicado.

Artista dos mais instruidos, Francisco Vieira falava com facilidade, as principaes linguas da Europa e conhecia perfeitamente a historia das bellas artes; e, segundo diz Villela da Silva, não havia «nesses conhecimentos quem o equalasse em Portugal».

C. A.



CAROLINA FALCO

sou profunda impressão pois a notavel artista era muito estimada e ninguem previa tão proximo desenlace, apesar de se saber dos seus padecimentos hepaticos e de ultimamente ter envelhecido bastante.

Carolina Falco contava 67 annos de idade, pois nascera em Lisboa a 24 de fevereiro de 1839, sendo baptisada na igreja do Loreto, visto seu pae ser de origem italiana.

Muito formosa e insinuante, de figura esbelta, possuindo voz extremamente apreciavel e sendo de mais a mais filha de um empregado do theatro de S. Carlos, estava previsto que seguiria a carreira scenica. E assim foi. Deu os primeiros passos modestamente n'um palco do Porto, mas em 1858 já representava papeis importantes, e com

grande successo, nas operas-comicas *Fra Diavolo*, *Domino Preto* e n'outras.

E tanto se aperfeiçoou no canto, que em 1863 foi ao Rio de Janeiro como meio-soprano d'uma companhia lyrica, conseguindo sem esforço ser muito festejada em diferentes operas.

Contrahindo matrimonio com o fallecido auctor-actor Cesar de Lacerda, com elle percorreu grande parte do Brasil, e começou então a demonstrar as suas grandes aptidões para o drama e para a comedia.

De regresso à sua terra natal foi logo escripturada por Santos Pitorra, que então estava à testa do theatro do Principe Real, e aqui se salientou de maneira a passar pouco depois para D. Maria, onde esteve longos annos, progredindo de papel para papel até ser considerada uma das nossas primeiras actrizes.

Quando a empresa Rossas & Brazão abandonou o theatro normal, Carolina Falco, como boa collega, pondo em jogo os seus interesses, seguiu com os seus camaradas para o theatro D. Amelia. Só em 1902, vendo que era já tempo de cuidar do futuro, pois que a velhice já se approximava a passos agigantados, e, talvez, também, por ter soffrido alguma ingratição, o que entre bastidores é muito frequente, a fallecida actriz requereu, e obteve promptamente, o logar de societaria de 1.ª classe da casa de Garrett, que de direito lhe pertencia.

São inumeras as personagens a que Falco deu brilhantissima interpretação; destacaremos, entretanto, os seus trabalhos na *Aspasia*, comedia-drama original de seu filho, sr. Augusto de Lacerda, representada em 1884, *Duque de Vizeu*; *Estrangeira*; *Marquez de Villemer*, de principio a elegante e pretenciosa baronesa e depois a aristocratica e velha marquez; *Martyr*; *Hamlet*; *Rogério Laroque*; *Sociedade onde a gente se aborrece*; *Samuel*, drama também de seu filho, levado á scena em 1888; *Surpresas do divorcio*; *Intino*; *Madrugada*; *Triste Viuvinha*; *Bibliothecario*, *Lagarixa*, *Zazá*, *Marechala*, *Outro eu*, *João José*, *Filho Doutor*, e ultimamente, na epoca passada, *A Dúvida*, ainda outra peça de seu filho.

O passamento de Carolina Falco deixou uma lacuna insuprivel no theatro de D. Maria, o que vem provar que, infelizmente, a arte dramatica em Portugal está definhando por uma forma assustadora, e que a malograda artista era um dos seus sustentáculos.

Paz à sua alma.

PEDRO PINTO.

## NECROLOGIA

CAROLINA FALCO

Entregou a alma ao creador no dia 25 de agosto ultimo, em Pernambuco, onde se achava com a companhia dirigida pelo actor Luiz Pinto, a distinctissima actriz Carolina Falco.

Quando a triste nova se soube em Lisboa cau-

## ANTONIO DO COUTO ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas  
nacionais e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 4.º (à P. Luiz de Camões) — LISBOA



## A melhor agua de mesa conhecida

AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO-COLLARES  
GAZOSAS LITHINADAS

Deposito geral:

Rua do Arco do Bandeira, 216, 1.º

LISBOA

## CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Bonbons e nougat da fabrica Iniguez

KILO 18500 RÉIS

Os bonbons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca  
em todos  
os estabelecimentos



## CHOCOLATE--CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

## Almanach Illustrado do "Occidente" PARA 1907 (26.º ANNO)

Está no prelo e sae brevemente este interessante e antigo annuario, profusamente illustrado de gravuras e com uma linda capa a cores.

PREÇO 200 RÉIS

Ainda se accitam annuncios.

Empresa do «Occidente» — LISBOA

## LE DICTIONNAIRE DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle  
de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais, Espagnol  
Italien et portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

